

OS AGENTES DAS NARRATIVAS NAS REPORTAGENS DA AGÊNCIA PÚBLICA ACERCA DOS PROJETOS HIDRELÉTRICOS DO TAPAJÓS

The agents of narratives in the reports of Agência Pública about Tapajós hydroelectric projects

Los agentes de las narrativas en los reportajes de la Agencia Pública sobre los proyectos hidroeléctricos del Tapajós

Pedro Loureiro de Bragança^{1, 2}

RESUMO

Este artigo utiliza a abordagem metodológica do campo social, de Bourdieu, associada à análise da narrativa, de Luiz Gonzaga Mota, analisar quantitativamente os agentes dos conflitos apresentados como fontes em uma série de reportagens especiais, desenvolvidas pela Agência Pública, acerca dos projetos de construção de usinas hidrelétricas na bacia do rio Tapajós para compreender as diferenças em relação à imprensa tradicional na produção de narrativas. A escolha dos agentes que ganharam protagonismo nas reportagens subverte a lógica da imprensa tradicional, pois legitima as demandas sociais de atores costumeiramente invisibilizados, como populações indígenas, ribeirinhos, pescadores e demais moradores nas cidades afetadas pelas mudanças socioambientais perante as forças dominantes representadas pelo estado e pelas empresas diretamente interessadas na construção de usinas e barragens na Amazônia.

¹ Mestre em Planejamento do Desenvolvimento e Doutorando em Desenvolvimento Socioambiental no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Universidade Federal do Pará (PPGDSTU/NAEA/UFPA), bacharel em Direito (UNAMA) e em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo (UNAMA), professor do curso de Jornalismo na Faculdade Estácio FAP, e-mail: pedrohloureiro@gmail.com.

² Endereço de contatos do(s) autor(es) (por correspondência): Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Av. Augusto Correa, 01, Guamá. CEP: 66075-110. Belém, PA – Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Agência Pública; Campo Social; Narrativa Jornalística; Projetos Hidrelétricos; Tapajós.

ABSTRACT

This article uses the methodological approach of Bourdieu's social field, associated with Luiz Gonzaga Mota's analysis of the narrative, to quantitatively analyze the agents of the conflicts presented as sources in a series of special reports developed by Agência Pública, about the construction projects of hydroelectric plants in the Tapajós river basin to understand the differences in relation to the traditional press in the production of narratives. The choice of actors who have gained prominence in the reports subverts the logic of the traditional press, since it legitimizes the social demands of usually invisible actors, such as indigenous populations, river dwellers, fishermen and other residents in the cities affected by socio-environmental changes to the dominant forces represented by the state. by the companies directly interested in the construction of plants and dams in the Amazon.

KEYWORDS: Agência Pública; Social field; Journalistic Narrative; Hydropower Projects; Tapajós.

RESUMEN

Este artículo utiliza el enfoque metodológico del campo social, de Bourdieu, asociado al análisis de la narrativa, de Luiz Gonzaga Mota, analizar cuantitativamente los agentes de los conflictos presentados como fuentes en una serie de reportajes especiales, desarrollados por la Agência Pública, sobre los proyectos de construcción de centrales hidroeléctricas en la cuenca del río Tapajós para comprender las diferencias con la prensa tradicional en la producción de narrativas. La elección de los agentes que ganaron protagonismo en los reportajes subvierte la lógica de la prensa tradicional, pues legitima las demandas sociales de actores habitualmente invisibilizados, como poblaciones indígenas, ribereños, pescadores y demás habitantes en las ciudades afectadas por los cambios socioambientales ante las fuerzas dominantes representadas por el estado y por las empresas directamente interesadas en la construcción de usinas y represas en la Amazonia.



PALABRAS CLAVE: Agência Pública; Campo Social; Narrativa Periodística; Projectos Hidroeléctricos; Tapajós.

Recebido em: 16.11.2018. Aceito em: 19.12.2018. Publicado em: 16.01.2019.

Introdução

Enquanto a mídia tradicional reverbera os discursos políticos e empresariais e se referem às Usina Hidrelétrica como “geradoras de energia limpa” árvores apodrecem no fundo da água represada, peixes morrem pelo gás carbônico gerado por esta putrefação, pescadores não conseguem sua principal matéria prima, populações tradicionais são obrigadas a se deslocar aos núcleos urbanos em condições de miseráveis, povos indígenas perdem seus local sagrados e seus hábitos ligados ao território onde residem e todo ecossistema é afetado de modo dramático e irreversível (FEARNSIDE, 2015a e 2015b).

O rótulo construído nas narrativas hegemônicas entra em choque com a realidade por estar subordinada às fontes que têm posições institucionalizadas, ou seja, os chamados “definidores primários” (PENA, 2017, p. 154), por esta razão, agentes públicos e empresariais tendem a ser os principais consultados por seus interesse em legitimar determinados

enunciados e serem legitimados pelos dominantes na relação de poder do campo midiático.

Este artigo, baseado nos resultados minha dissertação de mestrado (BRAGANÇA, 2016), analisa quantitativamente as narrativas que contestam as “estruturas ideológicas dominantes” e oferecem visões alternativas que permitem fomentar o debate público (DOWNING, 2002, P. 48).

A escolha da Pública – Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo³ como objeto de estudo se justifica por sua proposta de não ter fins lucrativos e se dedicar a fazer matérias de fôlego visando o fortalecimento do direito à informação, à qualificação do debate democrático e à promoção dos direitos humanos.

O campo social e o campo jornalismo

Ao introduzir a sociologia reflexiva, Bourdieu (1989) propõe que o

³ Pública – agência de reportagem e jornalismo investigativo. Disponível em: <<http://apublica.org>>. Acesso em: 7 nov. 2018.

investigador pense relacionalmente e este pensamento está diretamente ligado ao entendimento de “uma dimensão teórica-metodológica que permite interpretar a produção de sentidos a partir de lugares sociais dos agentes nas relações sociais que conformam um dado campo” (CASTRO, 2015, p. 226). Para Bourdieu (1989; 1997) campo é uma noção caracterizada pela autonomia de certo domínio de concorrência e disputa interna e o define como espaço social estruturado em um campo de forças onde há dominantes e dominados, com relações constantes e permanentes de desigualdade que são exercidas no interior desse espaço. Também pode ser considerado campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças em que “cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias” (BOURDIEU, 1989, p. 57).

Pierre Bourdieu (1997, p. 55) delimita o campo jornalístico explicando

que através da descrição do mundo do jornalismo como um microcosmos com leis próprias definido por sua posição em que se insere no mundo global e “pelas atrações e repulsões que sofre da parte dos outros microcosmos” e que por ser autônomo e ter sua própria lei, “o que nele se passa não pode ser compreendido de maneira direta a partir de fatores externos”. De acordo com o autor “o que conta em um campo são os pesos relativos” e exemplifica dizendo que o jornal pode continuar com o mesmo número de leitores, sem sofrer nenhuma alteração e não mudar em nada, todavia pode ser “profundamente transformado porque seu peso e sua posição relativa no espaço se acham transformados” e a luta por dominação neste campo pode ser medida pelo poder de um veículo de comunicação tem de deformar o espaço à sua volta e pela capacidade de “ditar a lei” (BOURDIEU, 1997, p. 60). Pela definição de Bourdieu, o campo jornalístico deve sua importância no mundo social ao fato de que

detêm um monopólio real sobre os instrumentos de produção e de difusão

em grande escala da informação, e, através desses instrumentos, sobre o acesso dos simples cidadãos, mas também dos outros produtores culturais, cientistas, artistas, escritores, ao que se chama por vezes de “espaço público”, isto é, à grande difusão. (BOURDIEU, 1997, p. 65).

Para Bourdieu (1997, p. 25) os jornalistas operam uma seleção e uma construção do que é selecionado, sendo o jornalismo uma parte seletiva da realidade e, segundo Nelson Traquina (2005a, p. 26) dada à sua “autonomia relativa”, seus profissionais tem poder, pois “são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade”.

Agência Pública e o jornalismo contra-hegemônico

A Pública⁴ é uma agência de reportagem, disponibilizada em meio digital e fundada em 15 de março de 2011 pelas jornalistas Marina Amara, Natália Viana e Tatiana Merlino com a proposta de ser uma agência de

⁴ Pública – agência de reportagem e jornalismo investigativo. Disponível em: <<http://apublica.org>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

jornalismo investigativo, “sem fins lucrativos inspirada em modelos que já existem em alguns países, onde centros independentes se dedicam a fazer reportagens de fôlego, que tem perdido espaço nos veículos tradicionais” (LIMA, 2011, p. 176) visando ao fortalecimento do direito à informação, à qualificação do debate democrático e à promoção dos direitos humanos.

De acordo com Viana (2013, p. 32), uma de suas fundadoras, a Agência Pública “encara o desafio de buscar novas formas de fazer jornalismo” e para este fim se apropria “das novas tecnologias e das novas formas de associação que elas permitem – no tempo e no espaço”. Diferente da mídia tradicional, dependente de anunciantes, são instituições internacionais como a Fundação Ford, e nacionais, como a Fundação Carlos Chagas, os financiadores da agência. Outra distinção apontada pela jornalista diz respeito ao fato de que a Agência Pública “só produz reportagens investigativas, com longo tempo de apuração e checagem exaustiva dos

fatos”, isentando-se de publicar notícia de artigos ou opinião.

Como se trata de uma organização sem fins lucrativos cujo principal propósito é a disseminação da informação e funcionar como um agência, seu conteúdo é divulgado sob licença *creative commons*, para que seja apropriado e divulgado numa rede com mais de 60 veículos, tendo com republicadores alguns dos maiores portais de notícias do Brasil. Também se caracteriza por “textos longos, aprofundados, distante da ideia de *drops* e dos textos curtos, voltados para a internet”. De acordo com suas fundadoras, a agência não almeja o “furo”, mas a consistência na contextualização e “disponibiliza de toda a base documental das reportagens para serem verificadas, reutilizadas e questionadas pelos leitores” (VIANA, 2013, p. 33).

Entre julho e outubro de 2012, três equipes de jornalistas percorreram as regiões do rio Tapajós, do rio Madeira e de Carajás, que convivem com os

resultados de investimentos feitos tanto pelo governo como por empresas resultando na série de reportagem chamada Amazônia Pública⁵, publicada no final daquele ano com uma investigação sobre como os grandes empreendimentos estão mudando a cara da região amazônica e a vida de seus habitantes.

Todas as reportagens exploram a complexidade dos investimentos atuais na Amazônia, incluindo as negociações e articulações políticas. Tentam ouvir todos os atores envolvidos – governos, empresas, sociedade civil – para traçar o contexto em que esses projetos têm sido desenvolvidos. O prisma essencial destas reportagens, assim como de toda a produção da Pública, é sempre o interesse público: como as ações e negociações políticas e econômicas têm tido impacto, na prática, na vida da população.

Neste sentido, a Pública se enquadra em um modelo contra-

⁵ Disponível em:
<<http://www.apublica.org/amazoniapublica/>>.
Acesso em: 7 fev. 2015.

hegemônico de jornalismo, definido por Socorro Veloso (2014, p. 41) em razão de sua “proposta de atuar como uma espécie de contra poder no campo midiático, buscando maneiras de trazer à tona um outro discurso da realidade, cuja marca singular é a recusa ao consenso”, onde este veículos como este expressa

um modelo de jornalismo que pode se apresentar como alternativo, dissidente ou de resistência. [...] A discussão fundamental reside no fato de que são experiências contra-hegemônicas, conduzidas de modo a ecoar não só questões historicamente recusadas pela grande imprensa, mas também no sentido de uma outra leitura possível para o modo como os fatos são narrados. (VELOSO, 2014, p. 41).

Natália Viana afirma que transformações estruturais no sistema de comunicações estão abalando os alicerces de produção e fazendo que veículos icônicos da era da produção industrial deixem de ser publicados, enquanto surgem iniciativas que inovam o modo de produção jornalística do século XX e completa: “se o modelo comercial, concentrado e voltado para o lucro, baseado em veículos impressos e na televisão, está em crise, isso não

significa que o processo de transformação represente uma crise para o jornalismo”, ao invés disso representa novas possibilidades que reaproximam os cidadãos (VIANA, 2013, p. 20).

Os projetos hidrelétricos do Tapajós

De acordo com Fearnside (2015a, p. 12) “a Amazônia brasileira tem uma grande potencialidade para geração hidrelétrica, graças às quantidades enormes de água que passam pela região e às quedas topográficas significativas nos afluentes do Rio Amazonas” e há projetos para construção de 79 barragens em toda região. Se todas essas represas forem construídas, 10 milhões de hectares serão inundados. Em termos percentuais isto significa colocar debaixo d’água 2% da região da Amazônia Legal e aproximadamente 3% da porção brasileira da floresta amazônica (FEARNSIDE, 2015a, p. 12).

A mais recente e ativa “fronteira hidrelétrica” do Brasil é a bacia do Rio Tapajós, “um afluente do Rio Amazonas com uma bacia de drenagem de 764.183

km², ou quase do tamanho da Suécia e Noruega juntas” (FEARNSIDE, 2015b, p. 116). Nesta região está prevista a construção da hidrelétrica de São Luiz do Tapajós e estão planejadas outras duas grandes barragens, além de 40 outras em seus afluentes: quatro no Rio Jamanxim, seis no Teles Pires e 30 no Juruena e seus tributários (FEARNSIDE, 2015b p. 116).

Inundações nestas proporções são capazes de provocar perturbação de florestas em áreas bem maiores que os reservatórios em si, além de alterações dramáticas nos habitats aquáticos e haverá grande impacto sobre os povos indígenas, cuja maior concentração se encontra nas faixas mais propícias ao desenvolvimento hidrelétrico: “ao longo dos trechos medianos e superiores dos afluentes que começam no planalto central brasileiro e seguem ao norte para encontrar com o rio Amazonas: o Xingu, Tocantins, Araguaia, Tapajós e outros.” (FEARNSIDE, 2015a, p. 13).

É justamente em torno das controvérsias acerca da instalação deste complexo hidrelétrico que se pautam as

narrativas jornalísticas do Especial Tapajós⁶, no site da Agência Pública. Também foram escolhidas reportagens envolvendo a região do Rio Tapajós dentro do projeto Amazônia Pública, que buscou entender como as ações e negociações políticas e econômicas têm tido impacto, na prática, a vida da população.

Metodologia

O recorte analisado são as reportagens do projeto Amazônia Pública⁷, publicado no final de 2012, que abordaram a complexidade das discussões acerca das consequências socioambientais das usinas que estão previstas no Complexo Hidrelétrico do Rio Tapajós, oeste do Pará, e seus desdobramentos, em matérias veiculadas no site nos anos de 2014 e 2015. As publicações estão disponíveis em links encontrados no *hotsite* ESPACIAL

⁶ Disponível em <<http://apublica.org/especial-tapajos/>>. Acesso em: 10 nov.2018.

⁷ Disponível em: <<https://apublica.org/especial/amazonia-publica/>>. Acesso em: 7 nov. 2018.

TAPAJÓS⁸ que, dentro do universo específico definido para esta pesquisa, reúne as seguintes grandes reportagens: a) Especial Tapajós – Um Rio em Disputa; b) Batalha pela Fronteira Munduruku; c) Um aviso à Funai; d) Lá vem o Progresso; e) Amazônia Pública; f) Arquitetura da destruição; g) A discórdia do desenvolvimento;

A primeira etapa da análise consiste na identificação e classificação dos personagens, considerando-os como figuras centrais da narrativa, “eixo do conflito em torno do qual gira toda a intriga e “ponto de passagem de todos os acontecimentos” (MOTTA, 2013, p. 174), além de servirem para “humanizar a narrativa e aumentar a proximidade do texto como leitor” com seus “conflitos e desenlaces” (FERREIRA, 2012, p. 34). Nas narrativas jornalísticas, o papel da fonte pode se confundir com o do personagem, não apenas pela necessidade de fornecer informações, mas também para legitimar discursos, como numa “construção

estratégica do narrador para provocar certas impressões, sentimentos, identificações ou rejeições no receptor ou audiência a respeito da personagem” (MOTTA, 2013, p. 195).

Desta maneira, ao considerar que a fonte “influencia, inevitavelmente, a decisão jornalística” e é capaz “de determinar enfoques, relevâncias e até títulos, na narração jornalística” (CHAPARRO, 2014, p. 59), é feita a classificação das declarações das fontes escolhidas para construir as reportagens, posicionando-as como favoráveis ou contrárias em relação aos interesses dominantes nas relações de poder que constituem as dinâmicas de interesses políticos e econômicos em debate. Esta quantificação pode fundamentar as tendências de posicionamento da Agência Pública no campo midiático e ilustrar de que maneira as escolhas editoriais podem ser determinantes na produção de consensos a respeito de determinada abordagem.

⁸ Disponível em: <<http://apublica.org/especial-tapajos/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

Os agentes das narrativas

Levando-se em consideração a pluralidade das informações jornalísticas e a variedade de tipos de fontes utilizadas para confirmar ou reforçar a verdade no relato dos fatos, Schmtiz (2011) sugere uma hierarquização das fontes em função da polifonia, “pois a notícia polifônica converge da diversidade de opiniões, relatos, testemunhos e mídias”. Para isso propõe um quadro representativo desta dinâmica, estabelecendo “demarcação e inter-relação entre tipos, grupos e classes de fontes” (SCHMTIZ, 2011, p. 23).

Quadro 1 – Matriz de classificação das fontes de notícias

Categoria	Grupo	Ação	Crédito	Qualificação
Primária Secundária	Oficial Empresarial Institucional Popular Notável Testemunhal Especializada Referencial	Proativa Ativa Passiva Reativa	Identificada Anônima	Confiável Fidedigna Duvidosa

Fonte: Schmtiz (2011, p. 23).

Classificamos as fontes de acordo com os grupos das quais fazem parte, ou seja, a partir de sua origem ou contextualização. Serão usadas as seguintes definições de Schmtiz (2011),

com adaptações sugeridas por Ferreira (2012, p. 38):

a) **Oficiais:** Alguém em função do cargo público, em órgãos mantidos pelo Estado, nos poderes constituídos e organizações agregadas.

b) **Referencial:** Bibliografia, documento ou mídia que o jornalista consulta. Algo que fundamenta os conteúdos jornalísticos e recheia a narrativa, agregando razões e ideias.

c) **Individual:** Pessoa comum que fala por si mesmo, sem representar organização ou grupo social. Pode aparecer como vítima, cidadão reivindicador ou testemunha. A vítima representa o elo mais fraco: o sofredor ou o injustiçado. O cidadão busca visibilidade na luta por seus direitos. A testemunha, além de relatar um fato, também contextualiza informações da vida cotidiana.

d) **Institucional:** Representante de organização sem fins lucrativos ou grupo social. Busca a mídia para sensibilizar e mobilizar em prol de sua causa.

e) Especializada: Pessoa de notório saber específico ou organização detentora de um conhecimento reconhecido. Tem a capacidade de analisar as possíveis consequências de determinadas ações ou acontecimentos.

f) Empresarial: Representa corporação empresarial da indústria, comércio ou do agronegócio, com interesse comercial ou institucional.

Nas reportagens analisadas foram identificadas 89 diferentes fontes consultadas pelos repórteres da Agência Pública. Estas foram divididas pelos grupos aos quais fazem parte e pela identificação de seu posicionamento a respeito dos projetos hidrelétricos, se contrárias ou favoráveis. As fontes cujo contexto, no universo da análise, não apresentam claramente posicionamentos contrários ou favoráveis, foram classificadas como indefinidas.

Os resultados foram consolidados na tabela abaixo:

Grupos/Agentes	Contrários aos projetos hidrelétricos	Favoráveis aos projetos hidrelétricos	Indefinidos quanto ao posicionamento	TOTAL
Oficiais	14	9	4	27
Referenciais	8	7	5	20
Individuais	11	3	3	17
Institucionais	13	0	1	14
Especialistas	8	0	0	8
Empresariais	0	3	0	3
TOTAL	54	22	13	89

Tabela 1 – Classificação dos agentes de acordo com seus grupos e posicionamento em relação aos projetos hidrelétricos na bacia do Tapajós

Fonte: Análise das narrativas.

Em uma primeira análise, a tabela demonstra a intenção da Agência Pública em registrar a pluralidade de vozes acerca das questões investigadas. A quantidade de fontes em cada categoria jamais ultrapassa um terço do total, permitindo a polifonia característica da reportagem, também conhecida como jornalismo interpretativo, que, para Miranda (2008, p. 69) é um gênero que promove a convivência de várias vozes no texto com o objetivo de realizar uma interpretação do acontecimento para o leitor.

Tais vozes são estas diversas fontes entrevistadas, bem como as informações obtidas através de pesquisas em fontes referenciais somadas à própria voz do repórter, que alinhava a “massa informativa” transformando-a em texto

jornalístico num processo que envolve escolhas e outras vozes informativas como as do redator e do editor:

Ele (o jornalista) decide o que será aproveitado e o que pode ser deixado de lado, trabalho que obedece a uma técnica de redação, mas que não prescinde de critérios subjetivos –, e também pelo momento da edição, na qual a reportagem recebe o tratamento de outros jornalistas (redator e editor), portanto de outras vozes, que darão o tratamento definitivo à matéria, escolhendo títulos, chamadas de capa e fotos (com suas respectivas legendas). (MIRANDA, 2008, p. 69).

Lima (2009, p. 84) também argumenta que por não estar atrelado ao “ritmo compulsivo de produção das redações” é possível fugir do “restrito círculo das fontes legitimadas e abrir o leque para um coral de vozes variadas”. Esta multiplicidade de diferentes vozes pode ser ilustrada no gráfico abaixo, que demonstra a quantidade de agentes por grupo:

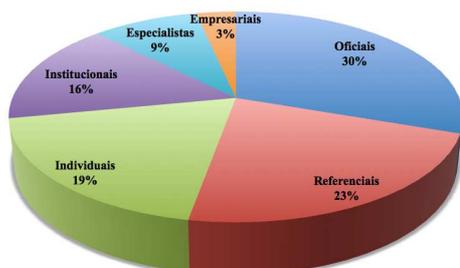


Gráfico 1 - Percentual de agentes por grupo

Fonte: Análise das narrativas.

Todavia o segundo eixo de análise do gráfico é possível identificar as interferências dos autores na construção narrativa. É o que Motta (2013, p. 211) faz subtender quando diz que o narrador sempre tem algum propósito e

dispõe do poder de voz para organizar, encadear, posicionar, hierarquizar, dar ao seu interlocutor as pistas e instruções de uso por meio das quais indica como pretende que seu discurso seja interpretado (MOTTA, 2013, p. 211).

O gráfico que ilustra o posicionamento das fontes escolhidas em relação à construção das Usinas Hidrelétricas do Tapajós evidencia um posicionamento crítico em relação aos projetos, oferecendo às vozes consideradas de resistência – ou seja, contrárias aos empreendimentos – um peso bem maior do que todas as demais vozes, sejam elas indefinidas ou favoráveis.

Estes 61% de fontes subverte, no campo jornalístico, as relações de poder envolvendo os atores dominantes e dominados, oferecendo protagonismo aos personagens e opiniões que tendem a ser invisibilizadas pelos interesses

políticos e econômicos da mídia tradicional. Se excluirmos da consideração as fontes indefinidas, identificamos apenas um quarto de opiniões coincidentes com as pretensões governistas e empresariais:

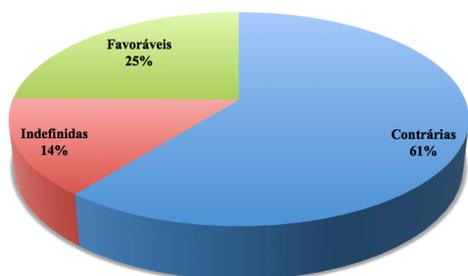


Gráfico 2 - Posição dos agentes em relação aos projetos hidrelétricos no Tapajós
Fonte: Análise das narrativas.

Predominam agentes cujo contexto aponta rejeição às Usinas Hidrelétricas. Ressalta o protagonismo do Ministério Público Federal e dos seus Procuradores em sua prerrogativa de representantes da população, com 26%, assim como o equilíbrio de fontes institucionais, individuais e especialistas representando interesses da sociedade, daqueles que atuam na resistência ao poder instituído. Empresas e Governo não se manifestaram negativamente:

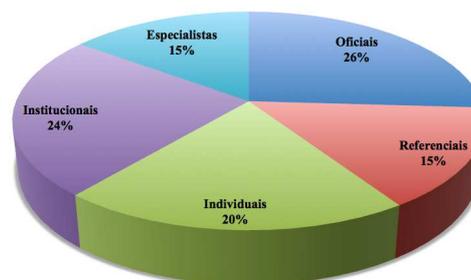


Gráfico 3 - Agentes cujo contexto os apresenta como contrários aos projetos hidrelétricos no Tapajós
Fonte: Análise das narrativas.

O baixo percentual de fontes com declarações indefinidas em relação às UHE ressalta o caráter estatístico, histórico e meramente informativo das fontes referenciais, situando-as como principais expoentes no gráfico abaixo. Também se observa as fontes oficiais de órgãos informativos ou judicantes ao lado de indivíduos ou instituições que não se posicionaram em relação aos projetos e/ou mantém posição indefinida em relação a estes:

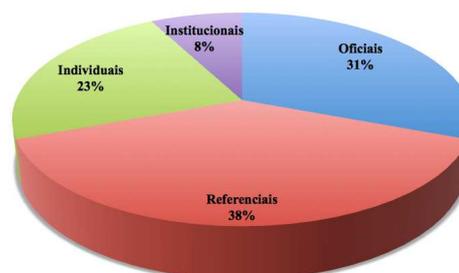


Gráfico 4 - Agentes cujo contexto apresenta indefinição em relação às hidrelétricas no Tapajós
Fonte: Análise das narrativas.

Dentre os agentes favoráveis, destaca-se o Governo Federal com o maior número de citações oficiais e boa parte dos documentos referenciados. E os agentes empresariais, diretamente interessadas no embate simbólico, representadas pelo “Diálogo Tapajós”:

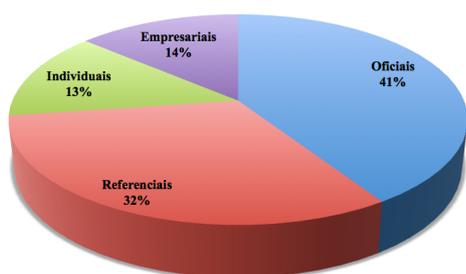


Gráfico 5 - Agentes cujo contexto os apresenta como favoráveis aos projetos hidrelétricos no Tapajós

Fonte: Análise das narrativas.

A análise, embora preliminar, é capaz de apresentar resultados relevantes em relação ao comportamento editorial, à polifonia narrativa e ao equilíbrio dos argumentos para formulação de um debate mais complexo sobre os projetos hidrelétricos e suas consequências socioambientais. Também é possível depreender desta observação o quanto às escolhas das fontes podem ser

determinantes para o direcionamento da narrativa.

Considerações finais

Este artigo demonstra apenas uma camada de uma análise mais aprofundada desenvolvida em dissertação de mestrado, todavia já é possível nela constatar uma série de considerações a respeito da posição contra-hegemônica da Pública no campo jornalístico e da forma como posiciona os agentes e os conflitos nos projetos hidrelétricos no Tapajós.

Foram identificadas 89 fontes consultadas em seis reportagens, sendo estas menções ou citações classificadas como favoráveis ou contrárias de acordo com o grupo às quais pertencem: oficiais, referenciais, individuais, institucionais, especialistas e empresariais. Nesta análise é possível perceber que as escolhas editoriais da Pública tendem a oferecer protagonismo aos agentes invisibilizados nas relações de poder envolvendo os tema e procura construir contra-narrativas em relação ao discurso

hegemônico ao mostrar a predominância de fontes contrárias ao projeto com abundância de indivíduos, grupos sociais, especialistas e oficiais com tendência persecutória em favor dos direitos humanos.

A heterogeneidade e pluralidade das populações amazônicas também são evidenciados, a partir das histórias de vida e dos contextos sociais onde cada fonte jornalística (agentes ou personagens) é apresentada. O jornalismo de resistência da Pública constrói as narrativas com a intenção de sensibilizar o leitor para os dilemas socioambientais ao mesmo tempo em que relativiza a imparcialidade, ao demonstrar, na escolha das fontes consultadas, um direcionamento bem claro das reportagens em favor dos dominados nas relações de poder.

Referências

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Questões de sociologia**. Lisboa: Les editions de minuit, 1984.

_____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997

BRAGANÇA, P. **VOZES DA RESISTÊNCIA: Narrativas da Pública sobre os agentes e os conflitos nos projetos hidrelétricos do Tapajós**. 2016. 218 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém.

CASTRO, E. Campo do desenvolvimento, racionalidade, ciência e poder. In: FERNANDES, A. C.; LACERDA, N.; PONTUAL, V. **Desenvolvimento, planejamento e governança: o debate contemporâneo**. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2015. p. 225-246.

CHAPARRO, M. C. **Jornalismo: linguagem dos conflitos**. 1. ed. São Paulo: Ed. do Autor, 2014.

DOWNING, J. **Mídia radical**. São Paulo: SENAC, SP, 2002.

FEARNSIDE, P. M. **Hidrelétricas na Amazônia: impactos ambientais e sociais na tomada de decisões sobre grandes obras**. Manaus: INPA, 2015a. v. 1.

_____. **Hidrelétricas na Amazônia: impactos ambientais e sociais na tomada de decisões sobre Grandes Obras**. Manaus: INPA, 2015b. v. 2.

FERREIRA, L. C. Personagens de uma trajetória narrativa de Veja. In: CUNHA, M. J.; MOTA, C. L.; MOTTA, L. G. (Org.).



ISSN Nº 2526-8031

Vol. 3, n. 1, Jan-Abr. 2019

Narrativas midiáticas. Florianópolis: Insular, 2012.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

LIMA, S. Posfácio: Insuficiências teóricas e desafios. In: CHRISTOFOLETTI, R.; KARAN, F. J. **Jornalismo Investigativo e Pesquisa Científica.** Florianópolis: Insular, 2011.

MIRANDA, F. A. **Jornalismo e polifonia: a reportagem como trama de vozes na construção da identidade de Felipe Klein.** *Mediação*, Belo Horizonte, n. 7, p. 61-77, semestral, 2008.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa.** Brasília. UNB, 2013.

PENA, F. **Teorias do Jornalismo.** 3 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias:** ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2005. v.1 (Porque as notícias são como são).

_____. **Teorias do Jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2005. v.2 (A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Guia de elaboração de trabalhos**

acadêmicos. Belém: Biblioteca UFPA, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/N6LUXW>>. Acesso em: 9 jul. 2018.

VELOSO, M. S. F. **Imprensa e contra-hegemonia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007).** Belém: Paka-Tatu, 2014.

VIANA, N. A crise do jornalismo industrial e os novos modelos de produção. In: **Margem Esquerda – ensaios marxistas**, São Paulo: Boitempo Editorial, n. 20, p. 29-34, mar. 2013.